

DOSSIÊ

FRANCISCO FERRAZ POR ELE MESMO¹

*FRANCISCO FERRAZ
ACCORDING TO HIMSELF*

Helgio Trindade* 

Francisco Ferraz**

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Ciência Política, Porto Alegre, RS, Brasil. helgiohtrindade@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

In memoriam

¹Entrevista gravada de Francisco Luís dos Santos Ferraz concedida a Helgio Trindade, em novembro de 2005, com duração de 4 horas, autorizada e incorporada ao acervo do autor para o livro *Ciências Sociais no Brasil em perspectiva latino-americana*, atualmente em elaboração, com Bolsa Sênior do CNPq. O trecho da entrevista extraído foi selecionado por tratar de temática relacionada ao artigo-depoimento do autor, e solicitei autorização do filho do Prof. Ferraz, que, após leitura, autorizou sua publicação para a Revista Debate/UFRGS. A autorização se deu por WhatsApp em 19 de novembro de 2023, conforme segue: “Caro Professor Helgio: Li o recorte da entrevista que fizeste com meu pai e não me oponho a sua publicação. André Ferraz”

HT - Tu nasceste quando e onde?

FF - Eu nasci em Bagé, em 12 de dezembro de 1940.

HT - Agora, parece que as tuas raízes não são exclusivamente brasileiras, em termos de ascendência dos dois lados.

FF - Não. Do lado materno a ascendência é portuguesa legítima.

HT - Qual é o sobrenome?

FF - Santos. O meu avô é Francisco Santos, Ferreira dos Santos.

HT - Mas esse teu avô era português.

FF - Português.

HT - E ele veio com que idade para cá?

FF - Ele veio jovem para cá, uns vinte e poucos anos. Ele estudava em Coimbra, Direito e fazia teatro. E aí ele se apaixonou por uma artista portuguesa e veio na companhia dela numa excursão ao Brasil na condição de terceiro galã da companhia. Aí circularam pelo Brasil, foram ao teatro de Manaus, que recém tinha sido inaugurado, e vieram com um Ita, um navio daqueles Itas.

HT - Então eles vêm de Ita?

FF - Eles vieram de Ita descendo o litoral do Brasil, e representando um repertório clássico da época, os portugueses, os teatrólogos franceses, sobretudo os portugueses e franceses. E aí em Fortaleza ele conheceu a minha avó, da família Bezerra. Casou com a minha avó e veio para o Sul, para o Rio de Janeiro, com a Companhia e com a minha avó. Se instalou durante algum tempo, fez teatro. E, depois, se desligou do teatro e veio para o Rio Grande do Sul, veio para Pelotas, onde ele decidiu fazer cinema. O vô fez, em 1913, o primeiro filme brasileiro de ficção. Já havia outros filmes feitos por brasileiros, mas eram cenas, que a gente chamaria hoje um pouco documentário ou um pouco cenas meio sem uma estrutura de roteiro. Ele fez o que é considerado o primeiro filme de ficção, chama-se “Os óculos do Vovô”, que é uma comédia, do qual restam apenas cinco minutos de fotogramas que dá para ver do filme. O vô também fez o considerado o primeiro longa-metragem do Brasil, que é o chamado “O Crime dos Banhados”, um crime que tinha acontecido em Bagé, muito famoso na época, para ser explorado cinematograficamente. Então ele criou a Companhia Guarani de Cinema, de filmes. E ele fez vários outros filmes.

HT - Agora a tua avó, ela chegou a fazer algum estudo?

FF - Não. Teve o estudo básico da época.

HT - E o sobrenome dela era Bezerra.

FF - Bezerra dos Santos.

HT - Agora, do outro lado, quais são as tuas raízes? Do lado paterno.

FF - Do lado paterno, o meu avô era estancieiro no Uruguai.

HT - E esse era o Ferraz.

FF - Esse é o Ferraz. Do ramo Ferraz que veio para a Colônia de Sacramento.

HT - E era português também de origem?

FF - Não, espanhol. Tem um ramo que veio para São Paulo, ficou em São Paulo, e outro que foi para Colônia de Sacramento.

HT - E o prenome dele, tu sabes?

FF - Alexandre. E a minha avó era de uma família conhecida em Bagé, os Machado. Maria Delfina o nome dela. De Bagé, uma família grande, uma família muito conhecida e muito importante em Bagé. E os dois casaram...

HT - Mas ele era fazendeiro também?

FF - Ele era fazendeiro. Tanto que a foto que eu tenho dele, o registro fotográfico, é montando num cavalo, no tubiano dele, de ir a festa, totalmente pilchado. Ele era um homem muito solitário, segundo o pai me falava, muito fechado, muito solitário.

HT - Mas era um homem de um certo estudo, alguma cultura?

FF - Não. Ele tinha algum conhecimento, alguma leitura básica, nada... não era um homem de estudos, era um homem do campo. Era um fazendeiro. A fazenda dele era no Uruguai. Foi lá que meu pai nasceu.

HT - Onde é que era?

FF - Em Aceguá.

HT - E o nome completo do teu pai?

FF - Luís Maria Machado Ferraz.

HT - A tua mãe?

FF - A minha mãe Irene dos Santos Ferraz.

HT - Que morreu jovem, não é?

FF - Que morreu muito jovem, com 36 anos.

HT - E que era formada em Serviço Social, era isso?

FF - Se formou em Serviço Social já doente. Uma das formas dela lutar contra a doença foi encarar esse negócio.

HT - Ela ficou muitos anos doente?

FF - Ela teve câncer no seio e depois no outro seio, depois foi para a medula. Então demorou uns 4 anos mais ou menos esse calvário.

HT - Tu começaste a estudar onde?

FF - Eu estudei primeiro numa escola pública.

HT - Isso foi onde?

FF - Isso em Porto Alegre

HT - E o teu pai, com o que ele se envolveu em termos de ocupação, ele chegou a se envolver na fazenda do pai?

FF - Não, ele era o típico, como eu vou dizer assim, o típico “playboy” daquela época. Filho de uma família abastada, que era a família da mãe dele, não precisava trabalhar. Não gostava muito de estudar..., estudou no colégio Auxiliadora por certo tempo, mas depois parou. Não havia naquela época necessidade de um curso superior, ainda mais no interior.

HT - Chegou a fazer o Ginásio?

FF - Sim, fez o Ginásio.

HT - Ele comprou uma casa na Alegria?

FF - Sim, comprou. Era quase um sítio, eram uns seis terrenos enormes. Ele fez uma casa e plantou tudo que era árvore frutífera. Era um lugar muito agradável, a gente curtiu muito, era onde se passavam férias o ano inteiro. Porque a gente ia aos finais de semana de balsa ou de navio, que saía do armazém C3 do porto. E lá a gente ia sempre, mas aí a mãe ficou doente.

HT - Vocês tinham que idade quando começaram a ir para lá?

FF - Eu devia ter uns 9 ou 10 anos por aí, meu irmão uns 7 anos. E o pai se envolveu muito no Esporte Clube Cruzeiro, ele era conselheiro do Cruzeiro. O pai acabou levando o Cruzeiro a fazer a sua concentração na Alegria.

HT - Agora tu estavas me contando que tu começaste a fazer um grupo escolar. Onde, te lembrás?

FF - Ali na Coronel Genuíno, perto de casa, perto da André da Rocha.

HT - Lembras do nome?

FF - Rio de Janeiro. Lá eu estudei até o Admissão. Eu fiz o Admissão e fui para o colégio Cruzeiro do Sul.

HT – Lembras de algum professor especial? Gostar de História vem de onde?

FF – História acho que vinha de casa. Eu sou um cara que, quando fiz 12 anos, eu ganhei de aniversário do meu pai e da minha mãe duas caixas de livros enormes, dentro vinha a coleção “Clássicos Jackson”. Eram 40 volumes, 1400 páginas. Tinha desde Platão até Sermões do Pe. Vieira, teatro. Então, eu sempre li muito, esse hábito eu tinha dos dois. O pai tinha lido muito, principalmente literatura, e a mãe também. Então eles me estimulavam muito, eu costumo dizer que eu sou um cara marcado, estigmatizado pelo resto da vida porque li o Eça de Queiróz antes dos 12 anos de idade.

HT – E tu leste o que do Eça de Queiróz? Começaste por onde?

FF – Eu li tudo.

HT – Tudo?

FF – Então quem lê Eça de Queiróz na adolescência nunca mais poderá ter uma visão alinhada do mundo, entende, ter uma visão ingênua das pessoas, das motivações humanas, das declarações das pessoas, das imagens com as quais elas se apresentam. O sujeito com Eça de Queiróz seria desmistificado totalmente. Então, depois de ler o Eça, tu começa a encontrar os personagens dele na vida em todos os lugares. E o que resulta disso é que tu não levas, tem muita dificuldade em levar alguém a sério, realmente a sério, e mais dificuldade ainda em te levar mesmo a sério. O Eça mostra tanto as fragilidades humanas e as maneiras artificiosas pelas quais elas se escondem, que a gente acaba vendo isso dentro de si mesmo. É quase uma terapia de certa maneira. Se não é pela cura, pelo menos pela investigação. E o Eça de Queiróz é um homem que escreve uma obra gigantesca, e tem uma galeria de personagens, centenas de personagens.

HT – Mas o teu pai te orientou um pouco? Ele tinha lido?

FF – Meu pai tinha lido todo o Eça. Então a gente comentava... Eu passava o dia inteiro jogando futebol ou lendo Eça de Queiróz, estudando claro. Mas nessa época da adolescência, lia muito, muito mesmo. Lia também os clássicos Karl May, Winnetou, Os Três Mosqueteiros, o Conde de Monte Cristo do Dumas. Mas, só para fechar, nesse período de infância e adolescência, a influência intelectual mais marcante que teve sobre mim foi Eça de Queiróz. E as consequências políticas disso eu fui descobrir mais tarde. Da minha total incapacidade de me entregar a um líder. Porque eu sei que esse líder, se eu tiver um pouco mais de contato com ele, eu vou descobrir aquelas coisas que o Eça mostra em todo mundo. Isto está dentro de mim.

HT – Tu te levavas a sério como reitor? Tu acreditavas que era um cargo e que tu tinhas uma certa postura?

FF – Mas, se tu te lembrares bem, por exemplo, tu vais ver como eu nunca perdi o senso crítico. Por trás disso, está aquela coisa que o Eça dizia: “Não dá para se entusiasmar muito porque tem pé no barro”, então não existe isso aí. Eu acho que mesmo na reitoria, e mesmo comigo, claro, eu sabia interpretar no momento certo a instituição,

o seu papel e a sua importância, mas não a ponto de perder de vista quando eu tinha consciência de que, quando eu ia viajar para a Europa, que eu representava uma universidade que pesava 100 gramas no conceito internacional, ao lado de outras que pesavam toneladas. Em todos os momentos, nunca me escapou esse senso de cuidado para não ficar ridículo, cuidado para não te levarem demasiadamente a sério, levar a instituição demasiadamente a sério. Agora, também não a ponto de desconsiderarem, desmoralizarem, desvalorizarem a instituição. Houve momentos em que eu realmente acreditei, que houve dentro de mim uma disposição para acreditar mais nas coisas, numa liderança, numa ideologia, mas não durava.

HT - Mas nem na política estudantil?

FF - Nem na política estudantil, por isso não durava. Por isso eu acabo tendo dificuldades, tendo atritos com os meus colegas, meus companheiros, porque a minha consciência era muito rápida nesse processo e a deles muito lenta. Aí já entrava um pouco também da minha sensibilidade política, mas não só. Eu me lembro, por exemplo, nós estivemos em Cuba, e eu me lembro que quando eu voltei de Cuba, nós demos aquela famosa entrevista na Folha da Tarde, contra a intervenção americana. Aquilo era verdadeiro, era autêntico, era um sentimento, eu achava que Cuba não merecia ser invadida pelos EUA, como acho até hoje. Mas havia já naquela altura, dentro de mim, já havia um julgamento. Todo aquele mês passado em Cuba, cantando a Internacional 10 vezes por dia, eu firmei dentro de mim um conceito muito claro – eu não quero viver numa sociedade dessas! Então, eu voltei para cá ainda um pouco comprometido, me sentido comprometido com a defesa de algumas teses, mas de outras eu já estava completamente livre. Nem tu percebias isso, era uma coisa que estava em evolução dentro de mim. Eu me lembro de uma conversa com o Plínio [Dentzien], foi lá por 1962, por aí, lá em casa. Eu disse para o Plínio, com todas as palavras, que ele quase caiu para trás, eu disse: eu não acredito em Revolução! Revolução gera tirania eternamente e sempre gerará, gera restrição das liberdades individuais. Eu estava muito sensível com a experiência em Cuba. Lá eu descobri que havia uma forma, lá em Cuba eu percebi, como havia uma forma social de restringir a liberdade. Esse tipo de restrição da liberdade era intolerável, absolutamente intolerável e eu nunca consegui me atirar totalmente. Havia um primeiro movimento em que eu acreditava, aí tinha um pouco de religioso, da formação anchietana, mas logo a seguir vinha aquele freio, aquele freio crítico.

HT – Essa carapaça não te enquadrava num certo momento da tua vida?

FF - A carapaça era jesuítica.

HT - Pois então, essa mata outras coisas de vez em quando?

FF - Mas ela não matou, não conseguiu matar o Eça.

HT - Mas em algum momento tu pensaste eventualmente em entrar para o seminário? Em alguma coisa tu acreditavas.

FF - Claro que eu acreditei e acredito até hoje. As coisas não são assim tão mutuamente excludentes.

HT - Mas esse negócio da Missão, como funciona a coisa?

FF - Aí que está, o negócio da Missão, ela nunca foi até o fim, em nada. A Missão, dentro do espírito jesuítico, é realmente a entrega por um ideal. Inácio de Loyola, os sacerdotes jesuítas que largaram tudo e foram para a Índia, os que se meteram nas matas brasileiras. Para mim, claro, não tinha mais nem Índia nem matas brasileiras. Mas para mim o que teria seria a concretização desse espírito de missão, seria entrar para o sacerdócio, para ser padre. Efetivamente, eu pensei em ser num certo período.

HT - Há momentos em que tu acreditas em algumas coisas? Quer dizer, o ceticismo como influência, onde ele se recompõe com a tua postura e com uma série de coisas que tu voltas a acreditar? Quem te via, por exemplo, como presidente da UEE falando com o Brizola, ou disputando não sei com quem, ali era um personagem que estava querendo desempenhar, não era só um papel?

FF - Ali era diferente, ali o que é que era? Eu estava ali e era um líder estudantil e eu queria poder. Eu queria ter influência e poder, eu sou um cara vaidoso, como qualquer ser humano. Eu me sentia envaidecido pela posição, pelo fato de ser conhecido, pelo nome que eu carregava, pelas viagens que eu fazia ao Rio de Janeiro para as reuniões da UNE; quando voltava, dava entrevistas. Então, diga-se de passagem, eu acreditava em mim naquele papel. Agora, eu acreditava no projeto da UNE? Não. Que eu acreditasse que os estudantes fossem mudar o Brasil? Não. Eu não estava representando. Estava dentro de um projeto pessoal onde eu queria aquilo para conseguir outras coisas, para me afirmar como liderança, eu estava me descobrindo com capacidades de fazer coisas que eu não sabia que tinha, como a capacidade de liderar pessoas, de mobilizar pessoas...

HT - Mas tu lias muito História no sentido político?

Mas não foi pela História que veio o interesse pela Política, o interesse pela Política veio exatamente do sentido de Missão; aí já entra o Anchieta no meio. Vem do tempo em que eu saí do Cruzeiro do Sul e fui estudar no Anchieta. E foi aí que eu fiz a minha 1ª Comunhão, que até então eu não tinha feito, foi aí que eu realmente me converti ao catolicismo.

HT - E o Pe. Walter [Seidl] já estava aí nesse momento?

FF - Sim, ele foi a grande figura. Foi aí que eu realmente entrei numa sociedade, num grupo onde os meus amigos, onde os meus companheiros de esporte, os meus companheiros de cinema, eram todos anchietanos, católicos que iam à missa e que levavam a sério. Cada um tinha o seu missal e as suas devoções.

HT - E o Eça desapareceu.

FF - Não, ele nunca desapareceu. Ele nunca desapareceu, mas esse era um trajeto que ele ficou fora do edifício, que não entrou. Aí eu entrei sozinho, eu deixei o Eça do lado de fora. Tudo o que eu gostava estava ali dentro. Eu ia para lá e a gente jogava bola, tinha futebol, tinha tudo quanto é esporte, tinha religião, tinha estudo, tinha uma coisa fantástica que é uma formação jesuítica que é essa provocação de tu realizares

as tuas potencialidades. Tu tens muito mais capacidades do que tu exploras. Então, de repente, estava eu estudando literatura, estudando francês.

HT - Fazendo teatro?

FF - Fazendo teatro, jogando futebol, esporte, então aquilo era uma coisa completa. Havia os que participavam disso setorialmente e havia os que se envolviam, eu me envolvi. Aí entra realmente outro conceito que é o conceito de amor; é uma coisa em que tu és conquistado por algo. E é claro, em toda a relação de amor, o senso crítico vai lá embaixo. E nesse ambiente, que era ainda acima de tudo sacralizado pelo sentimento religioso, pela força do convívio religioso, pela simbologia religiosa e pela majestade da Igreja. Aquilo ali me pegou muito forte, e me pegou num momento muito frágil, num momento em que eu tinha perdido minha mãe.

HT - Mas a Política vem nessa época? Ou isso é uma coisa posterior, tu sentes isso mais adiante?

FF - Antes da Política, eu começo a sentir na experiência do Anchieta uma diferença em mim em relação aos colegas: eu tinha uma coisa que a gente pode chamar de liderança. De uma propensão, facilidade, vocação, que fica muito manifesta no próprio Anchieta. Como lá tinha muita oportunidade de a gente se manifestar, de se expor, de competir e de ser comparado com os outros – isso é um processo permanente –, acontecia que eu tendia a ocupar posições de liderança, a ser visto como líder e a ser procurado como líder. Então, muito cedo me acostumei com essa condição de liderança, o que não tinha ocorrido no Cruzeiro do Sul. Começa a ocorrer pelo esporte, eu jogava muito bem futebol. Desde logo, eu assumo o comando da parte esportiva. Depois eu era muito popular, muito aceito, tinha uma boa relação com todo mundo. Isso me fazia ser escolhido e ter uma posição de liderança também. Escolhido pelos colegas e sacralizada pelos padres, que também começam a me chamar a atenção para este lado. Isso é uma das coisas que vai me levar a questionar a minha vocação religiosa. Eu sou um líder, sou um cara diferenciado. Então, eu tinha que ter um ideal mais alto, eu não podia ficar ligado ao comum, um profissional qualquer. Eu podia ser um sacerdote, um homem que carrega o sacramento de Deus. O que é o máximo! Se eu era um líder eu não podia excluir isso da minha cabeça, entende? Então a primeira experiência com a Política se fez presente numa peça teatral. O Pe. Leite [Luís Osvaldo] dirigia, mas, na ausência do Leite, o diretor era eu. Com muita facilidade eu assumia a liderança em todas as frentes em que eu me envolvia. Então, a minha primeira experiência com Política ela está conceituada dentro de um quadro, assim, alguém tem que liderar e eu tenho os talentos para isso. E, junto com a liderança vem também uma série de coisas muito agradáveis, vem muita responsabilidade também, mas vem um sentimento de importância, de reconhecimento social, ser uma pessoa importante e ser ouvido. Eu não tinha Política na minha vida. Quando, por exemplo, morre o Getúlio e dá o quebra-quebra na cidade, e eu vejo a preocupação do meu pai, vejo as notícias no jornal – aquilo me interessa e me choca. Eu me lembro que eu ouvi a Carta Testamento várias vezes no rádio, aquilo era a Política entrando na minha vida assim como um tsunami.

HT - Quer dizer que ali do grupo ninguém tinha interesse por Política.

FF - Não, começou a haver um interesse social, o problema da pobreza, mas ficou por aí... Eu tenho a impressão de que o primeiro canto de sereia político que chegou até mim foi por teu intermédio; eu não tenho certeza, eu não posso jurar. Eu tenho a impressão de que foste tu que uma vez, alguma coisa do Grêmio Literário Anchieta, e também o Leite era amigo do Xausa [Leônidas], ele falou de mim para ele e ele disse: “eu quero conhecer...”.

HT - Foi a JDC [Juventude Democrata Cristã]. Eu participava daquelas reuniões.

FF - E tu foste procurar a mim e eu não me lembro a que outra pessoa.

HT - Já tinha abandonado a ideia do seminário completamente?

FF - Não, ainda não.

HT- Eu que te apresentei ao Xausa?

FF - Tu me apresentaste ao Xausa. Na casa do Xausa. O Xausa, na época, era Secretário de Governo do Loureiro, eu acho. Era uma figura em ascensão e brilhante. E o Xausa foi um negócio fascinante, com aquele entusiasmo, aquela verve, aquele brilho que ele possuía, foi uma experiência nova.

HT - Mas aí vamos a esse encontro.

FF - Eu não me lembro onde que foi que eu conheci o Xausa. Eu não me lembro da circunstância, mas eu me lembro da impressão que me causou. Temos um mundo político que se abre aí: um cara jovem que estava numa posição importante na prefeitura, que era um homem de confiança de um prefeito famoso, como era o Loureiro [da Silva], e que tinha ideais políticos acoplados a ideais religiosos.

HT - E uma boa formação intelectual.

FF - E avalizado por ti. E o Xausa tinha aquela coisa de te fazer, com muita facilidade, sentir parte de um grupo. Eu me senti orgulhoso de estar sendo escolhido, entre tantos, para pertencer a um grupo já de um outro nível, um nível mais alto. Uma pessoa que era secretário. Isso realmente me atraiu, eu tenho a impressão de que foi por aí. E a partir daí começou minha relação contigo, a nossa amizade que foi se aprofundando. Tu sempre mais político do que eu, tu sempre muito mais envolvido, a ponto de ter te envolvido num partido político, já tinha a experiência de casa.

HT - Mas a política estudantil vai ter um papel nisso também?

FF - Aí um segundo momento, depois de entrar na faculdade. O movimento estudantil entra com aquele espírito do Anchieta: “vocês vão entrar na faculdade e o mundo político da universidade está dominado pelos comunistas, então vocês devem enfrentar todos os hereges”. Só que havia uma tradição de enfrentamento aos hereges que era muito negativista, muito “anti”; e nós éramos diferentes. A nossa concepção era a de superar os comunistas e não de meramente ser “contra os comunistas”. E isso levou a

gente, com muita facilidade, a desprezar certas considerações de natureza econômica, e a olhar apenas o lado histórico e filosófico das coisas. Nesse meio tempo, como sempre, surge toda a elaboração do padre Vaz, no Rio de Janeiro; a Revista Movimento, publicada pelo JB. O cristianismo, a reinterpretação, o papel do Aldo Arantes e do Betinho [Herbert José de Sousa] na elaboração de um pensamento cristão de esquerda que superasse o marxismo e que fosse além do marxismo. A gente acabou se fascinando um pouco e se encaixando dentro dessa corrente.

HT – Começa com a gestão do Ernildo [Stein]?

FF- Sei que lá pelas tantas a JUC se aproximou de nós. Nós éramos um grupo de cristãos, mas não éramos da JUC e não queríamos entrar na JUC, nunca entramos. Mas com o Ernildo a gente começou a trabalhar junto certas coisas.

HT – O Ernildo era um cara que tinha um nível cultural muito acima do nosso, ele tinha feito Teologia, impressionava.

FF - Impressionava nessa área: Filosofia, Teologia, claro. Ele lia muito, tinha cultura, e o Ernildo já estava me convidando para ser secretário geral da UEE, que era o chefe de todo o secretariado. Então, isso foi um cargo muito importante, porque me colocou em contato com os presidentes de diretórios do interior e me colocou numa hierarquia alta. Eu recém tinha entrado na universidade e já estava como secretário geral da UEE.

HT - Mas quando tu entras para o Direito, o Direito aparece como um projeto possível para ti de realização?

FF - Isso é mais tarde. Eu entro no Direito por exclusão. Não podia me encarar nem como Médico, nem como Engenheiro, Matemática, Biologia, exatas, nesse tipo de coisa eu não me dava. Então tinha que ser do outro lado, e do outro lado estavam o Direito, a Economia ou a História. Mas os cursos que dava status... Porque eu vinha de uma família que estava em dificuldade e eu estava em busca, evidentemente, de uma ascensão social; e a ascensão social, em termos de carreira, era a Engenharia, a Medicina ou o Direito. Então, o campo era o Direito, e ao mesmo tempo se dizia que o Direito abre para todos os lados. Então, eu fui para o Direito nunca com a mentalidade de “Eu vou ser um advogado”.

HT – Como se dá a entrada na universidade, no movimento estudantil até a possibilidade da UNE?

FF - Eu rejeitei a UNE, nunca te esqueças que eu rejeitei a UNE em meados de 1963. Não tinha golpe de Estado, não foi por medo de golpe de Estado, porque a gente nem contava com isso. Eu rejeitei, me lembro porque eu ouvi lá em casa vocês e eu disse, porque eu conhecia a UNE mais do que vocês, eu e o Maneca. Ele me acompanhava sempre nas reuniões da UNE. Eu me lembro que estava tu, o Pedrinho Quijano, o Castilhos, o Maneca, e eu coloquei para vocês: ora, eu conheço demais a UNE, o PC dorme dentro da UNE, tem caras que moram dentro da UNE. Se eu for para a UNE, eu vou ser dominado por esses caras. Porque, eu sozinho, não vou conseguir. Existem relações que a UNE já tem com o mundo comunista em relação aos estudantes. Eu só

posso ir para a UNE na perspectiva de mudar a UNE. E para mudar a UNE eu tenho que ter uma equipe. Então, se vocês toparem de ir comigo, eu topo. Eu havia sido escolhido pela AP e pelos demais grupos políticos da época para ser presidente da UNE, eu era presidente da UEE no Rio Grande do Sul, tinha a UEE unida em volta de mim, no meu nome. Enquanto o meu adversário era o Serra, que era presidente da UEE de São Paulo, que era maior que a do Rio Grande do Sul, mas profundamente dividida, então eu era quem tinha mais votos naquele momento, era o nome para ser presidente da UNE. Mas eu tinha muita consciência de que eu não conseguiria governar a máquina da UNE porque ela estava totalmente penetrada pelo Partido Comunista.

HT – Sim, mas tu achas essa hipótese viável, que um grupo daqui pudesse ter esse papel?

FF – Eu acho que seria, mas, por outro lado, eu sou um cara que sempre acredito que a gente consegue o que quer, não é? Eu acho que a gente era um grupo muito bom, muito competente, a gente tinha uma experiência de linguagem que ia para o estudante e que pegava bem. Nós tínhamos posições bem definidas de esquerda na época, eu acho que a gente atropelava o Partido Comunista. Eu lembro que a gente tinha um plano, um plano de efeito. Já na época mostrava como eu pensava em termos de marketing, de propaganda política, eu devo ter falado para vocês na época.

HT – Sim, diga em linhas gerais.

FF – O plano era o seguinte, no momento em que eu fosse nomeado presidente da UNE, em que eu tomasse posse, minha primeira visita realizada ia ser ao Lacerda [Carlos]. Dito agora para muita gente possa parecer “Sim, e daí? Grande coisa, Lacerda..”, mas o importante era saber na época. O Lacerda mandava prender os estudantes e mandava bater nos estudantes, num calabouço, na UNE, fechar a UNE. Quantas vezes a gente tinha reunião na UNE e daqui a pouco chegava um recado de que o Lacerda estava mandando a tropa e todo mundo se mandava para Copacabana, de ônibus, para fugir. O Lacerda era o inimigo dos estudantes, mas assim, totalmente, era absolutamente impossível qualquer comunicação com o Lacerda, e a UNE ele colocava como inimiga do país. Então a minha ideia era essa, de que eu ia deixar o Lacerda numa situação muito constrangedora porque eu ia pedir audiência para ele, como governador, e iria fazer uma visita protocolar, iria conversar com ele, falar do movimento estudantil e ia parecer diante opinião pública como um gesto educado, um gesto elegante, maduro de um líder estudantil e se ele decidisse partir para a ignorância, de alguma forma, quem iria ficar mal era ele. Então eu tinha uma visão de análise de política muito aguda, que antecipava, em muito, todos os demais, eu estava muito na frente do que eu via, do que ia acontecer politicamente.

HT – Nesta época, o Betinho dizia: o pessoal está cutucando a onça com vara curta, que o dispositivo militar do Jango permite... Tu lembra disso?

FF – Lembro. E o Paulo de Tarso nos respondeu quando nós falamos sobre o risco de um golpe, o que ele nos respondeu? “Não, isso já está decidido, basta o Jango levantar o livrinho...”, ele usou essa expressão, que os militares vendo o livrinho na mão dele vão se acomodar e voltar para os quartéis, o livrinho sendo a Constituição. Eu me lembro que

essa resposta não nos satisfaz, mas o que eu acho é o seguinte: a gente estava, como é que eu vou te dizer, demasiado envolvido no micro. Nós fizemos política estudantil no nosso nível, no nível da Faculdade, no nível do DCE respectivo, no nível da UEE respectiva. Depois chegamos a fazer um pouco de política estudantil nacional, no nível da UNE, mas naquele viés final dos anos, sobretudo 1963, era uma verdadeira voragem que sugava tudo para o nível nacional. Então, de repente, nós estávamos sendo sugados para a política nacional, mas nós não estávamos preparados para isso, não estávamos preparados nem de longe para isso, política nacional dentro do movimento estudantil a gente conhecia, tinha movimentos, tinha relações. Agora, política nacional, quer dizer, envolvendo governadores, forças políticas estaduais, forças militares estaduais, Forças Armadas, relações internacionais, nós não tínhamos condições de entender esse processo; de acompanhar, ter uma visão clara, uma visão lúcida desse processo, quando aconteciam tantas coisas todos os dias. No Brasil estava acontecendo coisa a cada minuto, a cada hora, era rebeldia aqui, rebelião lá, declaração aqui, era declaração ali, como é que a gente ia se situar naquele quadro com condições de agir politicamente com clareza.

HT – A própria AP, a nossa era diferente da...

FF – Então eu não previ, realmente, não antecipei. No fundo, mais do que isso, no fundo eu tinha uma esperança de que a democracia brasileira seria capaz de absorver todos aqueles choques, no fundo eu tinha essa esperança. Era uma esperança que a gente já tinha tido com o Jânio, que foi onde o nosso grupo se constituiu, a partir da renúncia do Jânio...

HT – Sim, a renúncia.

FF – Então, no fundo eu tinha esse sonho ‘jusceliniano’ de que a democracia brasileira seria capaz de absorver aqueles conflitos todos, que os militares seriam capazes de exercer as pressões todas dentro da legalidade e que não haveria... Porque, afinal, a gente tem que pensar o seguinte, toda a minha vida tinha sido dentro da democracia, desde 1947 em diante, meus sete anos de idade até os 24, 23 eu só conhecia um regime, quer dizer, o regime democrático, que era o regime certo. Claro, tinham os países da América Central que eram dominados por ditaduras, apoiados pelos americanos, coisa que a gente veio a descobrir com a política estudantil, mas eu não tinha tido outra experiência a não ser recordações do meu pai quando ele comentava sobre a ditadura do Getúlio. Quer dizer, a última forma autoritária que o Brasil tinha experimentado tinha sido Getúlio ditador, ora, não havia nenhum Getúlio à vista em 1964, então parecia, eu tento interpretar assim, parecia que não havia risco de ditadura porque não havia Getúlio à vista, talvez o Getúlio à vista pudesse ser identificado no Brizola, mas o Brizola, na época, ele não tinha a força que o Getúlio chegou a ter de representar todo um movimento de ideias e tudo mais, ele tinha caído dentro das divisões políticas brasileiras e representava algumas parciaisidades, mas não a totalidade do país.

HT – Sim, mas eu estou tentando conectar algumas experiências fortes que tu viveste, uma delas foi a legalidade, outra foi a viagem à Cuba, outra foi a militância na AP...

FF – Sim, mas a renúncia do Jânio é da legalidade naturalmente, não dá para separar, então, com a legalidade, de uma hora para outra é uma coisa, eu diria, a expressão que me vem é “traumática”, de uma hora para outra eu descubro que a democracia não era um sistema tão sólido no Brasil e que fosse capaz de resistir a qualquer conflito, de uma hora para outra eu vi que a democracia podia cair, não a democracia em abstrato. Lembro que num dado momento meu pai ensinou a mim e meu irmão, ele disse “ninguém pode passar por aquela porta sem autorização nossa, mesmo a polícia”, eu lembro que nós nos espantamos: “nem mesmo a polícia?”, “Nem mesmo a polícia. Só pode se tiver uma ordem de um juiz, isso é...”, eu lembro que o meu pai falava que isso era democracia.

HT – Isso antes desse período?

FF – Sim, isso quando a gente era criança, sei lá, sete, oito anos. Quer dizer, esta democracia, a sacralidade do lar, a segurança pessoal ou individual, os direitos individuais, o habeas corpus, toda esse democracia foi entrando dentro de mim como uma maneira natural de viver, como o meu viver social e o viver social de todo mundo no Brasil, e, de uma hora para a outra, aquilo terminou, e o país se transformou num campo de uma potencial guerra civil, guerra hobbesiana, de todos contra todos, todos contra todos não, mas de dois blocos, dois grupos geograficamente limitados e dentro dos quais a gente não podia sair, estávamos ali dentro, prisioneiros daquela situação e com uma posição clara, nossa posição era de defesa da democracia, então aquilo foi, sobretudo, traumático para mim, mostrou uma fragilidade da democracia e uma fragilidade da maneira civilizada de se viver sem medo em sociedade que me assustou muito, que me preocupou muito, que mexeu muito comigo. Imediatamente não, imediatamente o que mexia era a sequência dos acontecimentos, o que ia acontecer. Essa questão ficou lá para trás, dentro da cabeça, mas lá para trás. Como tu sabes, a gente vivia numa época extremamente agitada de acontecimentos, todos os dias estavam se movimentando, se verificando, se sucedendo, e a gente em posição de liderança tendo que assumir posições, fazendo declarações, dando entrevistas. E essas preocupações do jogo político, de jogo político conjuntural, de curto prazo, ganharam maior importância, e essas outras, essa sensação de trauma, a fragilidade da democracia, isso não chegou a ser elaborado, foi vivido mas não foi elaborado.

HT – Sim, no sentido da História.

FF – A História se encarrega de encontrar caminhos. Talvez eu pudesse te dizer que eu tinha uma admiração em dois polos, eu tinha uma admiração pelo Fidel, muito grande, pela figura do Fidel, pela capacidade de criatividade de construir uma guerrilha, uma luta de chegar ao poder, de um lado; e de outro lado os Kennedy, eu tinha uma grande admiração pelos Kennedy. Então era meio gozado, porque um era um governante autoritário, mas era um país subdesenvolvido, dentro de uma revolução onde ainda havia esperanças durante um bom tempo de que ele pudesse se reconsiderar por

eleições, pelo modo democrático, e, por outro lado, os Kennedy, que eu considerava um dos políticos mais modernos que eu mais admirava. Se tu quiseses botar em termos assim, quem mais tu admiravas ou reconhecias como grandes líderes, eu diria que era John Kennedy, esse era grande figura, e Fidel Castro também; o gozado é que o Che [Ernesto Che Guevara] ganha destaque depois, com a morte dele, e tu vais te lembrar que, naquela época, não se conhecia muito sobre o Che, não se tinha esse apanágio, esse apanágio estava com o Fidel e mais ninguém.

HT – Sim, mas naquele momento, a viagem a Cuba foi um momento de uma certa polaridade, de percepções, mas o problema é o seguinte: ela foi um fato na tua história pessoal?

FF – Sim, Cuba foi uma coisa assim que, como é que eu vou dizer, são aqueles presentes que caem em cima de ti que fica muito difícil de recusar, entende? Por que eu digo isso? Porque eu pensei em recusar, não me escapou. Aquela viagem da forma que ela foi organizada, organizada pelo Partido Comunista. Cuba já era malvista, não esquece que já tinha havido a invasão da Baía dos Porcos.

HT – Sim, e o Fidel já tinha se declarado marxista leninista.

FF – Sim socialista mesmo. Então eu pensei assim, nossa viagem a Cuba, é ali que surgiu realmente uma análise, isso é um pensamento que eu tive comigo. Devo ter conversado contigo, vinha o período de, como eu digo, vem à memória a legalidade e o episódio do golpe. O risco que isso implicava, a marca que nós tínhamos de esquerda, que já era uma marca forte, que foi acelerada e agravada com nossa viagem a Cuba e as entrevistas que a gente teve depois, tu e eu; então, essas coisas que eu já sabia. Aquela viagem a Cuba, naquele momento da ditadura, da história de Cuba, e da minha vida, teria consequências no futuro, eu não tinha a menor dúvida, teria consequência e não teria consequências necessariamente positivas ou necessariamente boas, teria consequências na minha vida. Era uma viagem que tinha a sua margem de risco, tinha pelo país, tinha pela circunstância revolucionária, tinha pelo confronto americano-soviético que estava por trás, tinha já com a nossa relação de esquerda com o Brasil, tinha, por tudo isso aí, tinha consequências. Por outro lado, com a idade que a gente tinha, como é que tu dizes para um jovem, de 21 anos, que nunca tinha saído do Brasil: “não, recusa uma viagem ao país que hoje é um dos países mais excitantes do mundo nos acontecimentos...”. Como é que tu vais dizer para um jovem “não vai”.

HT – Qual o impacto desta experiência sobre a tua visão...

FF – Pois é, o impacto sobre mim foi muito grande.

HT – Mais pelo lado crítico talvez...

FF – É, em termos de definições políticas, eu acredito que foi mais do que sobre ti. O impacto principal que teve foi o seguinte: eu odiei o sistema político que existia de Cuba, odiei viver em Cuba, achei o povo cubano fantástico, eu me lembro, um povo muito afetivo, carinhoso, brincalhão, alegre. O panteão dos líderes era admirável, eram figuras jovens, poderosas, fortes, que falavam grosso para o mundo, eram,

nesse sentido, um exemplo de uma juventude que se afirmava, isso tornava a coisa realmente muito fascinante, admirável. Algumas medidas adotadas em Cuba claro que me pareceram interessantes, a gente não tinha conhecimento suficiente ou autonomia para saber que Cuba tinha enveredado por um mau caminho, mas certas coisas eram admiráveis, a gente já tinha lido muito sobre Cuba antes de ir a Cuba, então ao entrar em Cuba a gente passou a rever coisas que a gente já conhecia, mas o processo de implantação de uma sistema comunista e de controle sobre as pessoas, era uma coisa que para mim me pareceu insuportável, era um coisa muito ruim, muito desagradável, desconfortável. Para te lembrar que a primeira coisa que fizeram, no aeroporto José Martí, foi tirar nossos passaportes. Meu pai era estrangeiro, tinha passaporte, então o pai falava: “no exterior com o passaporte tu és cidadão de outro país, eles não podem fazer o que quiserem contigo, se for o caso tu tens que ser repatriado e é dentro do teu país que tu vais te defender”, aquilo me desagradou profundamente. Depois, dentro da própria delegação, começaram a surgir tipos de organização, discussões comunistas, os caras já tinham a sua prática. Aquela coisa de viver cantando dentro do ônibus, todo mundo dava as mãos e cantava a internacional comunista. E a gente ia cantar, ia cantar umas dez vezes, doze vezes por dia, a tal ponto que não foi um não-comunista, como eu e tu, que protestou contra isso, nas reuniões da nossa delegação, mas foi o próprio Caio Prado Junior. Quer mais comunista que o Caio Prado Junior? Que apelou para os companheiros, que dez vezes era demais, doze era demais, quem sabe cantamos três por dia?

HT – Aí veio a UEE

FF – Mas aí nós viemos para cá, disputamos a presidência da UEE, numa posição de cristianismo de esquerda, que era a nossa posição da AP e tal, ganhamos a eleição, eu fui presidente, tu foste o vice-presidente, exercemos toda a gestão até terminarmos em 63.

HT – Mas nós fomos ao mesmo tempo militantes da Ação Popular com toda aquela estrutura.

FF – Com toda aquela estrutura, só que esse é que é o ponto: só que na medida em que nós estávamos fazendo política estudantil, eu era o presidente da UEE e tu eras o vice-presidente, nós tínhamos o comando da situação, nós comandávamos a UEE. Então, a gente conseguia, de certa maneira, o nosso mundo estava em ordem porque nós comandávamos. O mundo fora, o mundo da UNE, o mundo da política estudantil nacional, o mundo dos movimentos sindicais, isso tudo era outra coisa, mas o nosso mundo estava em ordem, então, dava para tu seres de esquerda e preservar os teus valores religiosos, democráticos que a gente preservou nesse período todo.

HT – Sim, mas não te esqueças de um detalhe fundamental: nós estávamos tomando posse no Direito quando chega o telegrama da UNE dizendo “está decretada a greve geral”

FF – Sim, o Aldo Arantes e o Marco Aurélio [Garcia] chegaram, tanto que eu tenho a foto deles lá no Direito da UFRGS onde eu tomei posse, tu tomaste posse, e, terminada a posse, foi decretada a greve, eu decretei a greve.

HT – Sim porque eu fui para a Faculdade de Arquitetura, tu foste para a de Engenharia. Sim, mas o que eu quero dizer é que é diferente...

FF – Isso era uma greve, ainda era uma greve, ainda era uma coisa estudantil, era greve da participação dos estudantes em órgãos colegiados. Era uma coisa estudantil, não era uma greve pela revolução socialista no Brasil, era um movimento perfeitamente legítimo já que vinha acontecendo, nós estávamos preparados, não era nenhuma novidade, e a gente fez a greve, lutou pela greve. Mas o que eu quero dizer é o seguinte, enquanto nós continuamos durante o mandato, nós comandávamos, ninguém nos obrigava a assinar manifesto, ninguém nos obrigava a fazer isso ou aquilo, mas agora, o Brasil estava mudando, o Brasil estava radicalizando, o Brasil estava se afastando no sentido de bipolaridade, de direita e esquerda, enquanto nós no meio brincando de esquerda cristã, achando que era possível tal sutileza, quer dizer, para o pessoal da esquerda, nós éramos a esquerda não muito convicta, e para o pessoal de direita, nós éramos a esquerda perigosa porque era a esquerda que entrava, por ser católica, no território deles. Então o resultado, nós fomos, quando veio o golpe, ninguém teve condescendência conosco, vieram todos em cima de nós. Agora, esse processo é que eu quero chamar a atenção, principalmente depois que termina o mandato, nós ficamos com a coordenação da AP. Até aquele momento nós tínhamos uma quantidade enorme de coisas para fazer, era visitar centro acadêmico, era reunião, era viagem e, de uma hora para outra, não tinha mais nada, quer dizer, a não ser a reunião da AP para discutir documento base. Então o negócio começou a ficar cada vez mais fora da realidade, a política estudantil nos dava uma dimensão de realidade e, quando uma política ideológica perde a dimensão da realidade, ela tende a perder para o radicalismo, e foi ficando cada vez mais radical.

HT – Sim, mas eu quero saber o seguinte, quando é que entrou tua decisão de não entrar na UNE? Foi anterior à viagem aos Estados Unidos e em que momento cronológico entra esse teu posicionamento.

FF – A decisão de não ir para a UNE foi tomada por volta de junho de 1963.

HT – E tu já tinhas voltado dos Estados Unidos?

FF – Já tinha voltado dos Estados Unidos.

HT – O que significava ser presidente da UNE se tu já tinhas uma série de elementos críticos?

FF – Só para mudar a UNE. Esse é que era o ponto. Sim, mas aí tu vais me dizer: “isso é uma fantasia! É uma ilusão!”, era, hoje eu vejo que é uma ilusão, mas naquela época tu te esqueces que era uma época em que 82 caras podiam conquistar um país. Naquela época, eu achava que, com a nossa equipe contigo, o Maneca [Manoel André da Rocha], o [Pedro] Quijano, o Plínio [Dentzien], o [Carlos] Castilhos, todo aquele nosso grupo integrado, se conhecendo, confiando um no outro, morando junto naquele negócio do Rio de Janeiro. De repente o estudante ganharia o poder de negociação... Hoje eu vejo que não havia, que era uma fantasia, mas na época

me parecia. Agora, essa possibilidade estava condicionada a ter uma equipe junto comigo, eu sozinho não teria condição nenhuma, absolutamente nenhuma, e, como eu não consegui que ninguém fosse comigo, nenhum aceitou, tanto que o que acabou sendo, acabou que eu não aceitei e nós colocamos o Castilhos como secretário geral da UNE, que foi o único que aceitou ir. Mas em minha evolução, claro, 22, 23 anos, não se podia esperar que essa revolução fosse tão linear, tão escolástica, tão organizada metodologicamente. Era um negócio confuso, complicado, daqui a pouco eu me entusiasmava como presidente da UEE e ficava mais de esquerda do que eu realmente era, por vaidade, claro que eu fazia isso, ou por necessidade eleitoral, ou para me exibir. Daqui a pouco eu ficava vaidoso da posição que eu tinha dentro do sistema político estudantil nacional. Essas coisas não eram assim tão tranquilas, mas havia uma lógica, uma coerência.

HT – Agora, depois, para entrar na parte acadêmica, tu não avaliaste ainda o que representou a viagem para os Estados Unidos, naquele contexto.

FF – Pois é, a viagem dos Estados Unidos veio depois da viagem a Cuba. E veio no mesmo momento em que estava acontecendo o congresso da UNE no qual eu devia ter sido eleito. Então ela ocorre num período muito curioso e ela ocorre mais ou menos como ocorreu a viagem a Cuba, não foi algo que nós buscamos, nenhum de nós se candidatou para ir aos Estados Unidos, e nem estava nos mais remotos planos ir aos Estados Unidos, ninguém sabia que existia tal programa e de repente vem e é colocado no teu colo e tu tens a possibilidade: “olha, tu queres ir aos Estados Unidos? Tudo pago, viagem que vão líderes estudantis, vão vários amigos, também um pessoal de esquerda ou predominantemente um pessoal de esquerda, o pessoal de Harvard, o programa de Washington, a Casa Branca”. E tu vais dizer não para isso?

HT – O governo Kennedy...

FF – O governo Kennedy, então não tinha alternativa. Como o negócio da UNE já tinha sido resolvido bem antes. Não tinha nenhuma relação, aliás, isso não tinha uma relação com a viagem aos Estados Unidos. Eu fiquei sabendo de que maneira? Eu chego em casa, de tardezinha, lá pelas 5 horas e tinha um bilhete do meu amigo Héglio Trindade, um bilhete dizendo o seguinte: “não deixe de comparecer...”, “vá imediatamente ao Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos que o Xausa está lá, eu estarei lá, trata-se de uma viagem”, alguma coisa assim, o recado era assim imperativo: “não deixe de ir, em nenhuma hipótese...”. Eu lembro que eu estava com uma jaqueta de poliéster verde e eu fui com ela e tudo.

HT – Era a AUI [Associação Universitária Interamericana]. A Sra. Sage, organizadora, disse ao Xausa: “Puxa vida, na Bahia, em São Paulo fizemos excelentes entrevistas, tínhamos uma grande expectativa no Rio Grande do Sul e foi uma decepção”. O Xausa respondeu: “o pessoal que é realmente liderança aqui não tem interesse de ir aos Estados Unidos, eles têm interesse de ir a Cuba”. Ela disse: “Então chama esse pessoal”. O Xausa me ligou e eu chamei a ti e o Maneca. Nós fizemos as melhores entrevistas do Brasil.

O que te representou a viagem em si? Fazendo um balanço.

FF – Ela representou muito para mim, muito mesmo, primeiro porque desde logo de efeito ela representou, digamos, uma abertura que com ela começou para eu fazer a minha formação pós-graduada no exterior. Significou eu morar nos Estados Unidos por mais de dois anos, fazer o meu curso de pós-graduação lá nos Estados Unidos.

HT – E Ciência Política já estava na tua cabeça?

FF – Já. Tem o meu filho, que nasceu nos Estados Unidos, o Alexandre. Então, desde logo significou muito nesse sentido, mas também significou muito no sentido de uma reavaliação de todo aquele processo em que a gente estava envolvido: de esquerda, de mudança social, de revolução, de transformação. Uma reavaliação daquilo tudo, dentro e com novos elementos trazidos pela experiência americana. Porque o negócio americano, vê bem, ocorreu para nós em julho de 1963, portanto antes do golpe de 1964. Depois de ter ido a Cuba, nós, com uma farta leitura e formação de literatura de esquerda política, fomos colocados num seminário em Harvard. Bom, num seminário em Harvard colocaram os maiores cientistas políticos e historiadores daquela época, em contato conosco, homens como David Riesman, que criou o clássico *A multidão solitária*, clássico da Sociologia, da Sociologia Urbana. Homens como Henry Kissinger, que vem a ser, depois, secretário de Estado e, antes, passa a ser assessor do Kennedy em política internacional. Bom, vários nomes que não me ocorrem, mas eram nomes de primeira grandeza nos Estados Unidos e em qualquer lugar do mundo e que eram colocados para discutir conosco para falar conosco, para nos dar palestras e ouvir perguntas e responder perguntas nossas. Então, veja bem, estava faltando isso no Brasil, a gente conversava muito, mas conversava com as mesmas pessoas, trocava os mesmos pensamentos, não variava, não tínhamos oportunidade de um seminário mais aberto, da oportunidade de um debate mais livre, mais contraditório. A gente estava muito dentro de um mesmo canal, e aquela experiência, sobretudo, em Harvard, não apenas com os professores, mas depois com nós mesmos discutindo sobre o que tinha ouvido, o que a gente concordava, o que não concordava. As experiências com a sociedade americana.

HT – Os Kennedy...

FF – John Kennedy, Bob Kennedy. Então, na realidade, tudo isso teve um impacto grande, o poderio da sociedade americana, a força daquele mercado interno, é uma coisa que só se vendo dá para acreditar, aquilo também foi o freio poderoso daquelas ilusões de revolução, de mudança que se imaginava quando se olhava o poderio dos Estados Unidos. Então foi uma viagem, a mais importante, indiscutivelmente. Aquilo que Cuba deixou faltando, a experiência da viagem americana completou. Além de já ser um grande debate em que, pelo menos para algumas pessoas, para mim, em todo caso, certas questões ganharam um status de liberdade, quer dizer, um pouco mais comprometido em pensar necessariamente em termos de revolução, de ditadura do proletariado. Pensei, eu estou livre, voltei a ser democrata, eu tenho a minha tendência socialista, mas eu sou democrata então é esse o meu rumo. Em 1963 a gente volta, em 1964 tem o golpe, em 1965 eu me caso, já nessa altura com quatro IPMs nas costas, todos eles correndo, depoimentos, DOPS, eu cheguei a ser preso

durante um dia, mas não foi mais do que isso, a gente andou escondido durante um certo tempo. Eu entrei no IPM da UNE e fui condenado no IPM da UNE que durou 17 anos no Brasil. Quando eu quis voltar para os Estados Unidos para fazer meu doutorado, eu fui bloqueado porque o IPM da UNE continuava em andamento e nele eu estava acusado como condenado. Então para mim foi um período de, digamos assim, muito horroroso e como eu não tive um rompimento público com a AP, a minha imagem, aqui para os militares, era de um líder esquerdista, mas eu já não era mais de esquerda, só que eu não ia, naquele momento, perante os militares, perante os policiais, revelar que eu não era de esquerda porque aí iria parecer covardia minha. Então eu tive que sustentar posições de esquerda nesses IPMs que eu não acreditava mais. Eu, em 1965, continuei no Brasil, até 1967.

HT – Mas tu te aproximas do Xausa na Política...

FF – Sim, nesse período eu estou aproximado do Xausa, desde 1964, até antes, quando ele teve o infarto, aquela coisa toda, a gente já tinha relação com ele, mas a gente vai se aproximando cada vez mais a partir de 1963...

HT – Sim, mas eu digo em termos de se envolver na área de Política.

FF – Me envolver com a área de política era pouca coisa, primeiro porque só tinha uma cadeira de política que era a que o Xausa dava na Filosofia, e nós tínhamos escolhido juntos, nós dois junto com o Xausa, tínhamos concordado de como nós íamos, tu para a França e eu deveria ir para os Estados Unidos, e a vaga estava ali disponível, o Darcy [Azambuja] ia sair, se aposentar, então tinha que se botar alguém, ia se botar o Tavares, mas o Tavares entrava sabendo que haveria mais dois que entrariam e que era tu e eu. Então eu comecei a assistir uma e outra aula do Xausa, ajudava numa ou outra coisa, aí em 1966 eu escrevi um texto sobre as eleições de 1966, mostrei para o Xausa, ele gostou, aí ele se ofereceu, muito generosamente, para participar daquele artigo e publicá-lo na Revista Brasileira de Ciência Política, que na época era a grande revista dos estudos políticos.

HT – Mas tu fizeste integralmente?

FF – Não, eu fiz mais ou menos metade do artigo, outra metade foi feita pelo Xausa. Mas brilhantemente escrito por ele e no conjunto todo, o texto todo foi lido, analisado e criticado por nós dois, mas na realidade eu fiz uma parte e ele fez outra, metade – metade. Mas eu assisti às aulas do Xausa e comentava com ele, depois ele me emprestava livros, eu lia, mas eu não dava aula. O que aconteceu foi em 1967, no primeiro semestre, o Tavares dava aula de Ciência Política na Unisinos, tinha recém começado e eu fui convidado para dar um curso de extensão, sobre Política Comparada que eu dei, foi a única experiência didática. Porque, com o Xausa, quem dava as aulas era ele, eu assistia algumas, preparava algumas coisas, discutia com ele, eu estava em contato permanente numa função de assessor informal, de um professor assistente informal.

HT – Tu vais para os Estados Unidos quando, exatamente?

FF – Eu vou depois, em agosto de 1967. Eu fui aceito em quatro universidades.

HT – Quais foram?

FF – Foi um grande orgulho para mim, me candidatei nas quatro e passei nas quatro: Chicago, Columbia, Princeton e UCLA, Universidade da Califórnia, Los Angeles.

HT – Sim. E o que te levou a decidir?

FF – Eu me lembro que eu decidi junto com o Xausa, ele conhecia mais ou menos as universidades. Columbia ele conhecia bem porque ele tinha estudado em Columbia, mas as outras ele conhecia vagamente, mas olhando os professores e tudo mais, na temática que eu queria, eu preferi estudar em Princeton, e, também, pelo fato de estar próximo de Nova Iorque, uma hora e quinze de Nova Iorque de ônibus. Me interessava em Princeton estudar a teoria da democracia, tudo se encaixa ali, a teoria da democracia estável, que é o oposto da democracia instável. O que é democracia instável? É aquela que a qualquer momento é derrubada por um golpe de Estado, uma revolução. Então o que eu queria era aprender para contribuir para que o meu país tivesse uma democracia estável e não aquilo que aconteceu no Brasil, de um golpe de Estado que aconteceu aqui que estava implantado quando eu fui para lá. Escolhi Princeton, aí me preparei para ir, foi um risco também, eu larguei o emprego que eu tinha, não entrei no campo da advocacia, eu tinha me formado em Direito.

HT – Sim, mas tu tinhas a expectativa de que tu pudesses entrar na universidade.

FF – Sim, mas uma expectativa remotíssima. Primeiro, não tinha vaga nenhuma, só tinha uma e entrou o Xausa, aí abriu uma e entrou o Tavares, porque nós íamos para exterior, aí depois tinha tu na minha frente e depois entraria eu. Havia probabilidade, mas se o que havia acontecido no passado continuasse, e a ditadura militar levava a crer que não tinha nenhum interesse em desenvolver os estudos na área de política – é óbvio –, se tudo continuasse como no passado, a minha chance de vaga surgiria dentro de 20 anos, entende? Então era uma aventura como a tua era uma aventura.

HT – Sim, mas das possibilidades de abrir estudos na área, vamos supor...

FF – Não. A Ford dava bolsa de estudo, agora, a realidade, como o cara se acomodava aqui era um problema da gente. Tanto que eu, antes de voltar dos Estados Unidos para cá, eu tive duas oportunidades, uma para ficar em Princeton e outra para ir lecionar em outra universidade nos Estados Unidos. Por quê? Porque os caras viam, como é que eu iria trabalhar lá? E vim para o Brasil como uma bolsa de estudos da Universidade de Princeton, aí não mais da Ford, que me sustentou durante um ano.

HT – E aí o Eckstein foi importante de que maneira?

FF – Foi chave, porque ele que era o criador da teoria da democracia estável. Trabalhei, não só como aluno, mas trabalhei no grupo dele e vim com uma bolsa dele para o Brasil. E o Robert Tucker, que era o homem dos estudos dos países comunistas. Em Princeton só tinham três alunos estrangeiros. No Departamento de Ciência Política tinha 180 alunos em graduação e pós-graduação, e só três estrangeiros, um israelense, um italiano e eu.

HT – Em pós-graduação?

FF – Em pós-graduação. Quer dizer, não tinha nenhuma concessão, a língua, o hábito, não era feito, era um negócio para americano, tu tinhas que estar naquele padrão para cima, todos nós estávamos nessa situação, todos em universidades respeitadas, boas, consideradas as melhores.

HT – Tu voltas em 1970. Mas aí tu voltas para fazer a pesquisa inclusive?

FF – Para fazer a minha pesquisa e a minha tese de doutorado.

HT – Certo, mas aí tu não tens nenhum vínculo mais... Bom, aí tu ficas um período com essa bolsa...

FF – Tenho um vínculo com Princeton, continua...

HT – Não, eu digo no Brasil.

FF – No Brasil eu não tenho vínculo nenhum. Eu venho para cá na aventura, tenho, durante um ano mais ou menos, eu tenho um dinheiro garantido para a sobrevivência com essa bolsa que me foi dada pelo Eckstein. Para me ajudar na elaboração da minha tese... Em 1975 eu já estava pronto para voltar, eu já tinha reformulado a tese, parte dos dados era o questionário, parte dos dados era pesquisa, dados históricos em que eu estava trabalhando, mas eu tinha ampliado o foco da minha análise da democracia brasileira e estava com o meu trabalho em andamento. Eu tinha bolsa da CAPES, inclusive, mas o governo militar não me deu visto de saída, aí eu não pude sair.

HT – Agora, quem eram as outras pessoas, porque eu me lembro que havia um grupo maior que estava trazendo com suas pesquisas individuais, insumos para a teorização do Eckstein, não é? Quais eram os outros enfoques além da socialização que foram usados por colegas teus?

FF – Pois é, eu nem me lembro mais, mas havia... A questão era a seguinte, tu tinhas que encontrar uma unidade social e um segmento social que a ela pertencesse e estudar... A tese era a seguinte, a tese básica do Eckstein: uma democracia, ela adquire estabilidade quando há ausência de fatores disruptivos na política. Era de que há estabilidade quando os valores políticos que vigoram na esfera não política são praticados, depois, na esfera política. Então, o que quer dizer isso, por exemplo, se tu tens uma família que é estruturada de uma maneira autoritária, estimula que o jovem seja um súdito e não um participante, um cidadão. Se depois a escola é organizada de maneira autoritária e sobre isso tu sobrepões um sistema democrático político onde os cidadãos são livres, fazem escolhas, competem entre si, esse sistema democrático não vai funcionar porque a infraestrutura dele não dá sustentação. As pessoas estão preparadas para obedecer a ordens e para quando chegar numa posição de poder, emitir ordens, mas não a participar, não a discutir, entende? Então foi isso que aconteceu na Alemanha, a Alemanha do Weimar, quer dizer, uma família extremamente autoritária, escola extremamente autoritária, todas as outras organizações sociais extremamente autoritárias estimulando de um lado o comando e de outro a obediência.

Vem cá, a família alemã não estava acostumada ao debate, a escola alemã não estava acostumada ao debate; não pode dar. Da mesma forma, se tu tiveres um sistema social que é organizado com base democrática e se tu impuseres depois um sistema político autoritário, não vai funcionar. Então, para o Eckstein a questão era qual? A variável estratégica crucial básica para existir estabilidade democrática, uma democracia estável, é que o setor político das organizações não políticas possua padrões de autoridade que sejam congruentes aos padrões de autoridade que existem no sistema político, entende? Então o que os membros do grupo dele tinham que estudar? Tinham que estudar setores não políticos, ou melhor, é, setores não políticos, não, os valores políticos dos setores não políticos da sociedade para medir qual o grau de congruência que tinham com os valores políticos de uma democracia na política.

HT – Como surge a questão da vaga para o setor de Política?

FF – Para a vaga que havia, para ser contratado um professor, o Tavares apresenta um outro nome.

HT – Sim, ele apresentou outro nome.

FF – O que não era o combinado. E o que acontece é que, independente de qualquer coisa, o meu nome é vetado pelos órgãos de segurança do governo. Na época, para lecionar na universidade, tinha que ter uma declaração na Polícia Federal de que nada constava contra o nome da pessoa, e, no meu caso, a informação foi ao contrário, que eu não podia ser contratado pela universidade. Foi um baque muito grande, que volta aquela coisa que tinha sido uma aposta muito arriscada de ir para o exterior, estudar política, e o Brasil com ditadura, para dar aula de política, e parece que tudo se confirmava – nesse meio tempo eu tinha ainda a minha bolsa de Princeton, tu tinhas me conseguido um contrato na PUC com o qual eu também estava sobrevivendo, mas na UFRGS estava fechado. A não ser no trabalho com o qual dava para eu me sustentar, trabalho de pesquisa que a gente tinha financiado pela Fundação Ford, que era dirigido na época por ti também.

HT – E pelo Xausa também.

FF – Não, o Xausa já tinha saído, era por ti. Então, posteriormente, a gente, através de amigos comuns, consegue contornar aquela objeção inicial do regime, e eu entro na universidade com as advertências devidas que me foram feitas, de que eu entrava em observação. Qualquer, digamos assim, escorregada para a esquerda significaria minha remoção da universidade, entre outras... E foi assim que eu entrei, e o que eu procurei fazer, com muita, podes imaginar, com tanta vontade de realizar, de fazer, jovem, com conhecimento... Na época eu era o cara com a maior titulação em Porto Alegre na área de Política, na área de Ciências Sociais, de maneira geral, porque eu tinha concluído os exames gerais em Princeton, tinha obtido, como decorrência, o título de mestre. Então, em 1970, 1971, eu era procurado por tudo que era curso que existia na UFRGS nas áreas Humanas para dar aula para aumentar a massa crítica porque o meu título era considerado o top, foi a época em que, em função disso, eu fui escolhido para entrar na Quinta Câmara, a Câmara de Pós-graduação e Pesquisa, fui membro representante do Conselho durante vários anos, uns seis anos por aí. Então eu acabei entrando na

universidade, e a minha primeira tarefa foi te substituir porque tu tinhas que voltar para apresentar a tua tese de doutorado, já tinha feito a pesquisa, tinhas que voltar. Então eu fiquei com todas as tuas aulas na UFRGS, mais as minhas aulas na UFRGS, mais as tuas aulas na PUC, mais as minhas aulas na PUC. Foi um período pesado, foi um período de muito trabalho, mas o trabalho não me assusta. Então, apesar de tudo isso, tudo isso era dar aula, dar aula eu já sabia, eu já conhecia, eu já tinha tido alunos de graduação, conhecimento de Política. Então me veio a ideia, inconveniente e curiosa de criar o mestrado, criar o curso de pós-graduação, mestrado, na área de Política. De onde que veio essa ideia? As coisas não surgem por acaso. De um lado da inquietude que eu tinha, que eu tenho e tinha na época de assumir uma tarefa nobre, não ficar apenas repetindo aulas, fazer avançar, criar perspectiva para nós, porque, afinal de contas, só com aquelas matérias de graduação aonde não se ia muito longe. Criar perspectiva para outras linhas, para pesquisa, para outros financiamentos, porque eu tinha visto com o meu título, quando eu cheguei a Porto Alegre, em 1970, e comecei a dar aula, como eu era procurado por cursos como o Propur, como o próprio curso de Sociologia do IEPE, que fez contatos comigo, com o curso de Administração, como esses outros cursos da área de Humanas funcionavam. Como é que eles funcionavam? Eles pegavam pessoas como eu, que tinham uma titulação, de uma área adjacente, criavam uma matéria, uma disciplina que era, digamos assim, que mantinha relação entre o núcleo básico do curso e a formação daquele professor, e com isso tudo agregava mais um professor com titulação, porque conseguir um professor com curso de pós-graduação. Então era, no fundo, uma jogada de montagem, então eu vi, por exemplo, que a área de Política e Sociologia, bom, eu podia pegar alguém de História e botar dentro do curso que seria totalmente compatível com Política, eu podia pegar alguém de Estatística, e lá estava o Calhau e o Grijó, e com isso eu botava também doutores dentro do curso. Eu podia pegar alguém da área de Antropologia e, por aí, mais algum cara que desse para aproveitar do curso de Sociologia Rural e de repente tinha lá uma massa crítica para uns seis, sete professores com titulação. E bem argumentado na Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa que o curso passava. Ora, como eu estava na Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa, como representante dos cursos dessa área, como eu já tinha participado e me envolvido em outros cursos dessa maneira, podia ter reciprocidade também, eu vi que politicamente dava par montar o curso. E assim foi.

SOBRE OS AUTORES

Helgio Trindade: Doutor em Ciência Política pelo Institut d'Études Politiques de Paris/Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Ex-reitor e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ex-membro da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), ex-membro do Consejo Superior Internacional de la Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación (Aneca/Espanha), membro eleito da Academia Brasileira de Ciências (ABC), vice-chair do Forum on Higher Education, Research and Knowledge Regional da UNESCO e membro do Consejo de Administración do Instituto Internacional para a Educação na América Latina e no Caribe (Iesalc/Unesco). Foi presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (1984-1986) e presidente da Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Conaes) (2004-2006). Fundador e ex-reitor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Foi professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autor de vários livros; em 2021 publicou, pela Biblioteca Virtual do CLACSO, a obra *Uma longa viagem pela América Latina: invenção, reprodução e atores das Ciências Sociais*. 1. ed. Buenos Aires: Clacso, 2021. v. 1.

Francisco Luis dos Santos Ferraz (1940-2023): foi professor da UFRGS, dos departamentos de Ciências Sociais e Ciência Política, fundador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política em 1973 e Reitor da Universidade entre 1984 e 1988.

Submissão em: 23 nov. 2023

Aceito em: 06 dez. 2023

